

PAI

Paulo Brighenti

PAULO BRIGHENTI

Nasceu em Lisboa em 1968. Vive e trabalha em Lisboa.
Born in 1968, in Lisbon. Lives and works in Lisbon, Portugal.

PRÉMIOS/AWARDS: 2002 Prémio Revelação/Revelation Award, Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva, Lisboa, PT.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS (SELEÇÃO)/SOLO EXHIBITIONS (SELECTION): 2017 "Père", Centre Culturel Portugais, Luxembourg, 2016 "Ninguém", com Alexandre Conefrey, Galeria Giefarte, Lisboa, PT, 2015 "Let dirt fall, Let heads roll", Galeria Pedro Oliveira, Porto, PT; "Família", Baginski, Galeria/Projectos, Lisboa, PT; "Skiin", Njässö Konstall, Njässö, SE, 2014 Paulo Brighenti, Cidadela Art District, Cascais, PT; "Pó", Rooster Gallery, Nova Iorque, EUA; "Pó", Fundação Carmona e Costa, Lisboa, PT; "Eclíipse", Galeria do Teatro Joaquim Benite, Almada, PT, 2013 "Chama Dupla", Baginski, Galeria/Projectos, Lisboa, PT; "Gelo", Galeria do Teatro Municipal da Guarda, Guarda, PT; "A Grande Fogueira", Appleton Square, Lisboa, PT; "Ossos", Galeria Fonseca Macedo, Ponta Delgada, Açores, PT, 2011 "Corpo Negro", Sala do Veadro, Museu Nacional de História Natural, Lisboa, PT; "no means no", Centro de Artes Visuais, Coimbra, PT; "O Incandescente Azul", Espaço Arte Tranquilidade, Lisboa, PT, 2010 Negativland, Baginski Galeria/Projectos, Lisboa, PT; A sombra não chega para esta memória, Galeria Pedro Oliveira, Porto, PT, 2009 BlackMountain, Arquivo Histórico Municipal Vila Real de Santo António, PT; The Diamond Sea Project #2, DrawingSpaces, Fábrica Braço de Prata, Lisboa, PT, 2008 Is this desire?, Galeria Porta 33, Funchal, PT; "The Diamond Sea Project", mural site-specific, no âmbito do lançamento do nº 0 da revista Atlas: Projecto de Desenho/site-specific mural for the launching of n.0 of the magazine Atlas: Projecto de Desenho, Fundação Carmona e Costa, Lisboa, PT; "Destroyedroom series", Casa Museu Nogueira da Silva, Braga, PT, 2007 Pintura, Galeria Pedro Oliveira, Porto, PT, 2006 The radiohead series, Galeria Baginski, Lisboa, PT, 2005 "The white Light Drawings", 3rd Floor Space, Lisboa, PT; "The invisible man and the black dog series", Galeria Pedro Oliveira, Porto, PT; "The invisible man", Sala Poste-ite, Porto, PT; "La lucebianca", Galeria Artadentro, Faro, PT; "Lo Specchio, The Mirror and The Motorhead Series", Galeria Pedro Cera, Lisboa, PT, 2004 "The MirrorDrawingsProject", Estúdio, Lisboa, PT, 2003 "Projecto estratégias de invasão", Estúdio, Lisboa, PT, 2002 "O Incêndio de San Marcuola", Galeria Pedro Cera, Lisboa, PT, 2001 "The Walk, Fa Projects, London, UK, 1998 Pintura, Galeria Pedro Cera, Lisboa, PT, 1997 Pintura, Galeria Paula Fampa, Braga, PT.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS (SELEÇÃO)/GROUP EXHIBITIONS (SELECTION): 2017 "Linhas Cruzadas - Coleção PLMJ", curadoria/curated by João Silvério, SNBA, Lisboa, PT; "O que eu sou", curadoria/curated by Luiza Teixeira de Freitas & Inês Grosso, MAAT - Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, Belém, PT, 2015 "Animalia e Natureza na Coleção do CAM", curadoria/curated by Isabel Carlos, Patrícia Rosas, CAM – FCG, Lisboa, PT, 2013 "Sincronias: Artistas Portugueses na Coleção António Cachola", MEIAC – Museu Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo, Badajoz, ES, 2011 "Ao Espelho da Sereia", Jardim da Sereia, Centro de Artes Visuais, Coimbra, PT; "The human dimension of the sky - Sharing views from a dialogue in the mountains", Galeria 102-100, Castelo Branco, PT; "Meio instável", Museu Geológico, Lisboa, PT, 2010 A culpa não é minha - Obras da Coleção António Cachola, curadoria de/curated by Eric Corne, Museu Coleção Berardo, Lisboa, PT; "Personal Freedom", Bienal Portugal Arte '10, comissariado por / curated by Johannes van der beek, Pavilhão de Portugal, Lisboa, PT; "Arena", Fundação Carmona e Costa, Lisboa, PT; "Fragmentos", Galeria de Arte do IPSAR, Roma, IT; "Espectral", comissariado por/curated by Miguel von Hafe Pérez, CGAC, Santiago de Compostela, ES, 2009 "VOLTA 5", Baginski, Galeria/Projectos, Basel, CH; "Vestígio", Pavilhão 28, Hospital Júlio de Matos, Lisboa, PT; "Diamond Sea", Mural site-specific para/site-specific mural for the exhibition "Entre o Céu e o Mar", comissários/curators Albano Silva e Miguel Amado, ART ALGARVE 2009, Centro Cultural de Lagos, Lagos, PT, 2007 "Desenhar o Desenho/To Draw the Drawing", Baginski, Galeria / Projectos, Lisboa, PT; "Reunião", Baginski, Galeria / Projectos, Lisboa, PT; "Transfert: Obras na coleção do CAM", Museu Francisco Tavares Proença Júnior, Castelo Branco, PT; "Rasura", Projecto Avenida, Lisboa, PT, 2006 "Sovereign Foundation - European Art Prize", Bohnams Gallery, London, UK; "Porta33.com", Galeria Porta 33, Funchal, PT; "The Collection of the Sovereign Art Foundation", City Gallery, Praha, CZ; "Natureza morta", Galeria 7, Coimbra, PT, 2005 "Espelho da Sereia", com/with Rui Chafes, CAV – Centro de Artes Visuais de Coimbra, Coimbra, PT; "Tractor", Fábrica, Faro, PT, 2004 "Desenho", Galeria Porta 33, Funchal, PT; "Anamense project", contemporaryart 1993- 2003, Fundação Ilídio Pinho, Porto, 2003 "La Distancia y outros Mundos", Galeria Rafael Ortiz, Sevilla, ES; "Guardi – A Arte da Memória", Centro Cultural de Belém, Lisboa, PT; "Pegadas de Luz", CGAC – Centro Gallego de Arte Contemporáneo, Santiago de Compostela, ES; Depósito Isabel Vaz Lopes, Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Lisboa, PT, 2002 Prémio Celpa/Vieira da Silva – Artes Plásticas 2002, Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva, Lisboa, PT, 2001 "Uma Jornada", com/with Rui Vasconcelos, Galeria Porta 33, Funchal, PT, 2000 "Desenho", Galeria da Mitra, Lisboa, PT; "Os Últimos Dias", CAMJAP FCG - Centro de Arte Moderna – José Azeredo Perdigão – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, PT; "Olhar a Contemporaneidade", Palácio da Rosa, Lisboa, PT; "Accrochage", Galeria Pedro Cera, Lisboa, PT, 1999 "6 + 6", com/with Alexandre Conefrey, Galeria Paula Fampa, Braga, PT; Bienal da Maia, Maia, PT, 1998 "Projecto Tabaqueira", Antiga Fábrica da Tabaqueira, Lisboa, PT, 1997 "Prémio Amadeo de Sousa Cardoso", Museu Municipal Amadeo de Sousa Cardoso, Amarante, PT, 1996 "Unge KunstnersSamfund", Oslo, NO; "Ar.Co Boleiros e Finalistas 1996", Ar.Co, Lisboa, PT; "Sete artistas ao décimo mês", CAMJAP FCG - Centro de Arte Moderna – José Azeredo Perdigão – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, PT, 1995 "Ar.Co Boleiros e Finalistas 1995", Ar.Co, Lisboa, PT;

COLEÇÕES/COLLECTIONS: Banco de España, Madrid, ES; CGAC - Centro Galego de Arte Contemporáneo, Santiago de Compostela, ES Coleção António Cachola, PT; Coleção Pedro Cabrita Reis, Lisboa, PT; Coleção Sovereign Art Foundation, London, UK Coleção PLMJ, Lisboa, PT; Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva, Lisboa, PT; Fundação Calouste Gulbenkian – Centro de Arte Moderna, Lisboa, PT; Fundação Ilídio Pinho, Porto, PT; Representado em coleções privadas em Espanha, Berlim, Londres e Nova Iorque/His work is featured as well in several private collections in Spain, Berlin, London.

O BÚZIO É UM PARADOXO *THE WHELK IS A PARADOX*

João Silvério

A obra de Paulo Brighenti é essencialmente construída sob a égide da pintura enquanto processo de resgate de objectos e figurações que residem no processo da prática pictórica. Algumas figuras, como por exemplo os crânios, são trabalhadas em diferentes escalas e sob paletas diversas, frequentemente ocorrendo à sua obra como elementos de reflexão interior ao trabalho do artista.

Posto isto, a memória revela-se nos indícios que o pintor desenvolve em composições que agregam objectos reconhecíveis e outros que o seu imaginário transforma, conduzindo-nos a um universo idiossincrático, enigmático e por vezes próximo de uma atitude surrealizante em que a metáfora é um atributo que se afasta da metonímia e da simples utilização da referência, seja esta histórica ou indexada a um outro autor literário ou visual.

Contudo, Brighenti procura esses caminhos por vias diversas, em que o desenho e a escultura têm uma presença constante, embora mais discreta e menos visível. Por um lado, esta questão levanta uma aura de ambiguidade nas naturezas-mortas que tem pintado ao longo dos anos, onde representa figuras irreconhecíveis num primeiro vislumbre. Por outro lado, essa relação com as naturezas-mortas como género da pintura aproxima-se de uma outra tipologia, a paisagem. Em ambos os casos, a presença do corpo e do acto de pintar ou desenhar é indissociável da espessura magmática que as suas obras representam. Esse corpo é o seu corpo como memória da temporalidade do fazer que fica resguardado no espaço do atelier, e a única possibilidade de o presentificar é transferida para o espectador na observação das matérias que assenta sobre a tela, ou ainda, numa obra mais singular de grandes dimensões, e que foi executada em diferentes versões, intitulada “Negativland”, de 2010, em cartão vegetal sobre a parede, uma imagem de uma paisagem invertida, uma montanha que gera um movimento contínuo. É interessante revisitar esta peça, porque a negatividade não se encontra na aparente queda da massa invertida, mas sim na sua constante transformação enquanto imagem que se eleva e contraria a gravidade e no seu reconhecimento enquanto elevação natural do objecto artístico.

A exposição Pai, que o artista apresenta no espaço da Ermida, remete para estes processos e procedimentos, tanto do ponto de vista do trabalho plástico como do trabalho realizado com as obras no espaço da galeria.

A exposição é composta por telas de dimensões várias, ordenadas no espaço de forma a isolar cada uma delas, atribuindo-lhes uma posição

Paulo Brighenti's artwork is essentially built under the aegis of painting as a figurations and objects retrieval process residing in the pictorial practice. Some figures, like the skulls, are worked in different scales and under various palettes, often attending his artwork as elements of interior reflexion about the artist's practice.

That said, memory is unveiled in the traces that the painter develops in compositions that aggregate recognisable and other objects his imaginary transforms, leading them to a distinct, enigmatic and sometimes close to a surreal attitude universe in which the metaphor works as an attribute shying away from metonymy and the simple usage of an historical, or an indexed to another visual or literary author, reference.

However, Brighenti seeks those paths in miscellaneous ways in which drawing and sculpture have a steady presence, although more discreet and less visible. On one side, this question raises an ambiguity aura in the still life he has painted throughout the years where at first glimpse unrecognisable figures are represented. On the other side, that relation with the still lives as painting gender comes closer to another typology, the landscape. In both cases, the presence of the body and of the act of painting or drawing is inseparable from the magmatic thickness his artwork represents. That body is his body as temporality memory of the doing sheltered in his atelier, and the only possibility of making it present is transferred to the spectator whilst observing the matters on the canvas, or even, in a more singular and big artwork made in several versions, titled "Negativland", from 2010, in vegetal coal on the wall, an image of an inverted landscape, a mountain generating a continuous movement. It is interesting to revisit this artwork because the negativity is not found in the obvious fall of the inverted mass, but in its constant transformation while rising image contradicting gravity and in its recognition while natural elevation of the artistic object.

The exhibition Pai, presented at Ermida, is a reference to these processes and procedures, from the point of view of the visual work and of the work done with the artworks in this space.

The exhibition has canvasses of different dimensions, organized in the space in a way that aims to isolate each one of them in an autonomous position as if the necessity of erasing a possible narrative were to be essential for the visual reading of this project. Yet, that's not it. The setup is a mechanism the artist develops with the intention of working the spectator's time that is confronted with different levels of painted images in continuous tension between the memory of what is recognisable and the possibility of reconstructing one or more connections in the exhibition's discourse.

autónoma, como se a necessidade de apagar uma possível narrativa fosse essencial para a leitura visual deste projecto. Porém, não é assim. A montagem é um dispositivo que o artista desenvolve no sentido de trabalhar o tempo do espectador, que é confrontado com diversos planos de imagens pintadas numa tensão permanente entre a memória do que é reconhecível e a possibilidade de reconstruir uma ou mais ligações no discurso da exposição.

Uma tela de grande dimensão, "Sem título #7, da série Pai", representa uma forma orgânica que ocupa o centro da pintura sobre um fundo denso, o qual reflecte a imagem desta como um espectro luminoso, quase uma dobra fantasmática. Essa pintura teve como modelo um objecto descoberto num lugar inusitado, um búzio que se encontrava numa montanha longe do mar. Este acidente, se assim lhe podemos chamar, desperta um campo de possibilidades que só a pintura pode resolver, e que Paulo Brighenti trabalha incessantemente, acrescentando ou subtraindo o óleo ou a encáustica na superfície da tela, marcada pela manualidade da execução. É essa acção do corpo que acentua o carácter magmático e por vezes obnubilado da sua pintura. Mas uma outra tela revela-nos um retrato. Esta obra, igualmente designada "Sem título #3, da série Pai", representa uma figura que nos leva ao seu universo auto-referencial: este retrato pode ser um auto-retrato, pode ser o retrato de alguém e pode ser um retrato do outro como meio de chegar ao seu próprio retrato. Todas estas situações, aparentemente equívocas ou inusitadas, estão na base do seu processo de trabalho e da forma como a verosimilhança entre o real, como modelo, e a sua transposição para a obra de arte sofrem transformações e declinações que nos propõem um dédalo de sentidos e significados que criam uma linguagem própria, onde a condição da imagem é transitória e mutante.

A continuidade destes procedimentos percorre e unifica a exposição: aqui refiro-me às questões formais ligadas ao vocabulário dos materiais que o artista usa, à encáustica, ao tratamento do óleo e ao trabalho executado com a única escultura que integra esta exposição. Esta escultura, uma forma orgânica modelada em barro e coberta por um pigmento ocre, devolve-nos ao paradoxo do seu trabalho. A forma é de certo modo quase telúrica, mas se circularmos em seu redor reconhecemos uma concavidade quase brilhante, como uma boca, ou porventura uma fenda de um corpo que se pode revelar sensual, talvez erótica, como a figura do búzio pintada que ergue uma forma fálica. Esta escultura é uma entidade

A painting of great dimension, “Untitled #7”, from the series Pai”, represents an organic shape occupying the centre of the painting over a dense background that reflects the image of that shape as a luminous spectrum, almost like a ghostly ply. That painting had as model an object discovered in an unusual place, a whelk founded in a mountain far away from the sea. That incident, if we can call it that, awakes a field of possibilities only painting can solve, and that Paulo Brighenti works ceaselessly, adding or subtracting the oil or the encaustic on the canvas surface, marked by the execution manuality. That action of the body enhances the magmatic and sometimes obscure character of his painting. Still, another painting reveals a portrait. This artwork, equally identified as “Untitled #3, from the series Pai”, represents a figure that takes us to its auto referential universe: this portrait can be a self-portrait, a portrait of somebody and a portrait of the other as means to achieve his own portrait. These situations, apparently inaccurate or ambiguous, are the foundation of his work process and of the shape as verisimilitude between real, as model, and its transposition to the work of art suffers transformations and declinations which propose us an entanglement of senses and meanings creating its own language, where the image condition is mutating and transitory.

The continuity of this procedures is present throughout the exhibition unifying it: I’m speaking about the formal questions connected to the materials vocabulary the artist uses, to the encaustic, the oil treatment and the executed work on the only sculpture of this exhibition. This sculpture, an organic shape modelled in clay and covered by an ochre pigment, gets us back to the paradox of his work. The shape is almost earthy in a certain way, but if we walk around it we recognise an almost shinning concavity, just as a mouth, or perhaps a cleft of a body that can reveal itself sensual, erotic maybe, like the figure of the painted whelk rising a phallic shape. This sculpture is a hybrid entity, irregular in its form and material constitution. Like the bigger dimension painting embodying the Ermida’s altar, made in several layers of oil and encaustic, it represents a geometrical grid, as a tapestry marked by the weaving stich metric we can associate to the strokes and the material differences revealing several hues on the yellow and luminous background. But, if we take a closer look, that grid, seemingly uniform, regular and symmetric, is deconstructed by the painting treatment. What is left of that image is our conviction that a similar image could be like that. In other words, Brighenti plays with our beliefs about the world of objects and with the power relation between our perceptive capacity and the imaginary we aggregate and construct about the world we live in. What is left of that tension is unrecoverable because the exhibited artworks transit with us to another referential and symbolic universe.

híbrida, irregular na sua forma e constituição material. Tal como a pintura de maior dimensão que incorpora o altar da Ermida, executada em diversas camadas de óleo e encaústica, representa uma grelha geométrica, como uma tapeçaria marcada pela métrica do ponto de tecelagem que podemos associar às pinceladas e às diferenças do material que nos revela vários matizes sobre o fundo luminoso e amarelo. Mas se repararmos bem, essa grelha, aparentemente uniforme, regular e simétrica, é desconstruída pelo tratamento da pintura. O que resta dessa imagem é a nossa convicção de que uma imagem semelhante poderia ser assim. Ou seja, Brighenti joga com as nossas crenças sobre o mundo dos objectos e com a relação de poder entre a nossa capacidade perceptiva e o imaginário que vamos agregando e construindo sobre o mundo em que vivemos. O que resta dessa tensão é irrecuperável, porque as obras expostas transitam connosco para um outro universo referencial e simbólico.



"Sem Título #7", da série Pai, 2017. Óleo sobre encaústica. 176 × 113 cm.
"Untitled #7", from the series Pai, 2017. Oil on encaustic. 176 × 113 cm.



"Sem Título #3", da série Pai, 2017. Óleo sobre encáustica. 50 × 65 cm.
"Untitled #3", from the series Pai, 2017. Oil on encaustic. 50 × 65 cm.



"Sem Título #6", da série Pai, 2017. Óleo sobre encaústica. 50 × 65 cm.
"Untitled #6", from the series Pai, 2017. Oil on encaustic. 50 × 65 cm.



"Sem Título #4", da série Pai, 2017. Óleo sobre encáustica. 50 × 65 cm.
"Untitled #4", from the series Pai, 2017. Oil on encaustic. 50 × 65 cm.



"Sem Título #2", da série Pai, 2017. Barro, pigmento, búzio. 26 × 18 × 16 cm.
"Untitled #2", from the series Pai, 2017. Clay, pigment, whelk. 26 × 18 × 16 cm.



"Sem Título #2", da série Pai, 2017. Barro, pigmento, búzio. 26 × 18 × 16 cm.
"Untitled #2", from the series Pai, 2017. Clay, pigment, whelk. 26 × 18 × 16 cm.



"Sem Título #1", da série Pai, 2017. Óleo sobre encaústica. 236 × 222 cm.
"Untitled #1", from the series Pai, 2017. Oil on encaustic. 236 × 222 cm.



"Sem Título #2", da série Pai, 2017. Barro, pigmento, búzio. 26 x 18 x 16 cm.
"Untitled #2", from the series Pai, 2017. Clay, pigment, whelk. 26 x 18 x 16 cm.



Vista do estúdio. Desenhos: sem título, 2015/2017. Carvão e pigmento sobre papel. 120 x 100 cm. cada desenho.
Studio view. Drawings: untitled, 2015/2017. Charcoal and pigment on drawing. 120 x 100 cm. each drawing.



"Sem Título", No Means No #3, 2011. Carvão e pastel seco sobre papel. 120 × 100 cm.
"Untitled", No Means No #3", 2011. Charcoal and soft pastel on paper. 120 × 100 cm.



"Sem Título", La maison du Pendu #7, 2010. Carvão e pastel seco sobre papel. 115 × 100 cm.
"Untitled", La maison du Pendu #7, 2010. Charcoal and soft pastel on paper. 115 × 100 cm.



"Sem título", da série Closed, 2007. Óleo sobre tela. 160 × 130 cm.
"Untitled", from the series Closed, 2007. Oil on canvas. 160 × 130 cm.



Série Radiohead, 2006. Óleo sobre tela. 90 × 84 cm.
Radiohead series, 2006. Oil on canvas. 90 × 84 cm.



"Sem Título", Família #6, 2015. Pastel seco e pigmento sobre papel. 115 × 100 cm.
"Untitled", Família #6, 2015. Soft pastel and pigment on paper. 115 × 100 cm.

© Bruno Lopes



"Let the dirt fall", Let heads roll, 2015. Barro e pigmento. 12 × 10 × 15 cm.
"Let the dirt fall", Let heads roll, 2015. Clay and pigment. 12 × 10 × 15 cm.



"Negativland", 2010. Galeria Baginski, Lisboa. Carvão vegetal na parede. 14000 × 7000 cm.
"Negativland", 2010. Galeria Baginski, Lisboa. Charcoal on the wall. 14000 × 7000 cm.



Pó #5, 2014. Óleo sobre tela. 70 x 60 cm.
Pó #5, 2014. Oil on canvas. 70 x 60 cm.





Trav. do Marta Pinto, 21
1300-390 Lisboa, Portugal
(+351) 213 637 700

www.travessadaermida.com

EXPOSIÇÃO/EXHIBITION

PAI

Paulo Brighenti



ERMIDA
13.05.2017 — 18.06.2017

PROJECTO TRAVESSA DA ERMIDA

DIRECÇÃO/DIRECTOR Eduardo Fernandes; PROJECT MANAGER Fábía Fernandes; MONTAGEM/SETTING Madalena éme

LIVRO/BOOK

EDITADO E PUBLICADO POR/EDITED AND PUBLISHED BY Mercador do Tempo Lda;

TEXTO/TEXT João Silvério; REVISÃO/REVISION José Gabriel Flores; TRADUÇÃO/TRANSLATION Fábía Fernandes;
FOTOGRAFIA/ PHOTOGRAPHY Paulo Brighenti; DESIGN GRÁFICO/GRAPHIC DESIGN NADA (www.designbynada.com);

PAPEL/PAPER Munken Pure; TIPO DE LETRA/TYPEFACE Akzidenz Grotesk, Knockout, Newton;

IMPRESSÃO/PRINTING Matriz Radical; EXEMPLARES/COPIES 300; ISBN 978-989-8277-53-4;

DEPÓSITO LEGAL/LEGAL STORAGE 000000/00

AGRADECIMENTOS/ACKNOWLEDGEMENTS

Galeria Baginski, Galeria Pedro Oliveira.

